

GLOSSÁRIOS CONTEMPORÂNEOS: A INSCRIÇÃO NA LÍNGUA

MEDEIROS, Vanise (UFF, FAPERJ, CNPq)
(vanisegm@yahoo.com.br)

O foco da pesquisa desenvolvida reside em uma prática linguística contemporânea, a saber, glossários em livros de literatura. Dois são os livros destacados: *Favela toma conta*, de Alexandre Buzzo, e *Saga Lusa*, de Adriana Calcanhoto; ambos lançados em 2008. Dois são os objetivos entrelaçados neste trabalho: uma reflexão sobre glossários na contemporaneidade que passa necessariamente pela análise dos livros em foco. Por que glossários em pleno século XXI? – foi a nossa primeira pergunta investigativa. Com Auroux, sabemos que as listas de palavras, nascidas da alteridade, deram origem aos glossários, presos inicialmente aos textos. Servindo à leitura e escritos por outrem, podemos ir adiante dizendo que glossários funcionam como cicatrizes de uma dupla alteridade: das palavras com as palavras – em que a fórmula X é Y diz da diferença, afinal o sinal de igualdade a denuncia – e da posição-sujeito lexicógrafo constituída por um lugar discursivo do lexicógrafo incidindo sobre uma posição-sujeito escritor. Essas observações nos levaram, por um lado, a indagar como funcionam os glossários no texto de Buzzo e de Calcanhoto, onde incidem as marcas, o que se destaca neste gesto de constituição de um glossário, de que alteridade nasce e como a trabalham; por outro lado, implicou uma reflexão sobre o lugar de que se constrói o glossário. Com Buzzo e Calcanhoto estamos diante do lugar-discursivo escritor dizendo da língua na posição lexicógrafo, tal como acontecia com a produção literária brasileira do século XIX, em que José de Alencar produzia glossários a partir de seus romances (cf. Nunes, 2006). Mas, como as condições de produção são outras, indagamos pelas tensões na língua que nestes textos contemporâneos se inscrevem (se é que há neles uma tensão).

Em Buzzo os itens lexicais são indicados no corpo do texto e remetidos para pé de página a guisa de definição e/ou explicação. Cinco são os eixos apreendidos neste gesto que marcam a palavra outra e o discurso do outro: (i) palavras cujos sentidos não se encontram dicionarizados; (ii) palavras que não comparecem nos dicionários; (iii) novas formações na língua; (iv) jogos de palavras formadas por alusão a outras palavras e (v) palavras cuja grafia é diferente daquela dicionarizada. Movimento de luta na língua do outro, por sentidos outros e língua outra que se quer legitimar com a prática lexicográfica.

No primeiro eixo, majoritário, observa-se uma disputa pelos sentidos, seja pospondo outras palavras no movimento da sinonímia, seja redefinindo palavras já correntes na língua. Isto nos leva a propor que está em jogo no glossário de Buzzo a não-coincidência das palavras consigo mesmas (Authier-

Revuz), em que o problema do sentido outro, do excesso ou do equívoco comparece. Uma das figuras deste tipo de não-coincidência “não no sentido X, Y”, isto é, uma não-coincidência que marca o não-um do dizer e que denuncia, ao lado do tateamento, o desejo de controle dos sentidos. No caso, o desejo de dicionarização dos sentidos: como parte da língua que nos instrumentos linguísticos não comparece. O segundo eixo é o das palavras não dicionarizadas. São palavras correntes no cotidiano que, contudo, não constam do Dicionário de Houaiss. Se por um lado sabemos que os dicionários não acompanham a atualidade da língua em função do tempo que levam para serem feitos, por outro lado, não podemos deixar de observar que aí se verifica, como mostra Nunes (2009), o descompasso entre a língua fluida e a língua imaginária. Se é constitutivo do dicionário um resto, este resto, alteridade não contemplada, é também, seguindo Nunes, fruto de uma divisão, de uma posição discursiva. No caso, o que resta é da posição da periferia. São palavras e sentidos deste lugar que não comparecem nos instrumentos linguísticos legitimados como da língua do Brasil. É esse resto é reivindicado no glossário. Os dois outros eixos fazem parte de um processo de construção na língua, que trabalham a potência e autonomia da língua que está em jogo – que forma palavras como qualquer outra língua – e materializam no deslocamento uma disputa pela forma da língua e pelos sentidos. Não se trata de derivar ou de formar novas palavras tão somente, mas de dobrá-las, torcê-las e de fazê-las significar diferentemente. O glossário de Buzzo põe em cena o léxico (e também a ortografia como veremos adiante) num movimento de luta na e pela língua. Movimento que ocorre na torção dos sentidos – com os trocadilhos e jogos de palavras – e na torção da palavra – com as abreviações, siglas. A palavra não é aí o espaço do erro e do acerto como observei nas revistas da ABL nos anos 50 (Medeiros, 2008). É arena de luta. O último eixo é das palavras cuja grafia é diferente daquela dicionarizada. O jogo que aí se inscreve é: “eu sei sua ortografia, mas tenho a minha”. Trata-se de trazer a oralidade como marca de alteridade na língua. Se com Orlandi sabemos “há uma oralidade que nunca se legitimará e que permanece como resistência à escolaridade” (Orlandi. 1994: p.31), em Buzzo, esta oralidade é resistência à língua do outro, posta como homogênea e modelar.

Em Calcanhoto, o texto corre sem marcas e o leitor se surpreende ao final com um inventário de palavras dispostos, em duas colunas, que indistingue o lugar de onde elas advêm, que apaga de onde elas advêm. Em um, palavras pospostas no jogo da sinonímia que faz equivaler as diferenças; em outro, a sinonímia que denuncia a disputa pelos sentidos e que expõe a diferença no deslocamento, as novas formações e os jogos de palavras que apontam para a autonomia e potência da língua outra, e a ortografia que duela com a escrita do outro para fazer funcionar a língua outra. Em Buzzo, a cicatriz; em Calcanhoto, a sutura da diferença.

